



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

AS DIMENSÕES CULTURAIS DA CIDADE DE CACHOEIRA-BA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS DOCENTES E PROPOSIÇÕES DIDÁTICAS

THE CULTURAL DIMENSIONS OF THE CITY OF CACHOEIRA-BA IN GEOGRAPHY TEACHING: TEACHING EXPERIENCES AND DIDACTIC PROPOSITIONS

(Recebido em 09-02-2023; Aceito em: 23-05-2023)

Aisllan Damacena Souza da Silva

Mestre, Universidade do Estado da Bahia – Salvador, Brasil
profais10@gmail.com

Janio Roque Barros de Castro

Doutor, Universidade Federal da Bahia – Salvador, Brasil
Professor na Universidade do Estado da Bahia – Salvador, Brasil
janioroquec@yahoo.com.br

Resumo

O espaço urbano é complexo e pluritemático, constituindo-se em um desafio para as abordagens no ensino da Geografia. Um dos caminhos interessantes para se trabalhar com as questões urbanas nos espaços educacionais, de forma ampla e contextualizada, é o de enfatizar as dimensões espaciais das expressões culturais materiais e imateriais notadamente presentes em cidades históricas, como é o caso de Cachoeira, localizada no Recôncavo Baiano. Considerada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) como Monumento Nacional, em virtude do seu imponente conjunto arquitetônico e paisagístico, Cachoeira é marcada pela presença de um rico centro histórico que abrange ruas estreitas em calçamento de pedra e repletas de edificações coloniais do Brasil Império. Diante disso, a pesquisa desenvolvida que resultou no presente texto objetiva analisar, numa perspectiva crítica, integrada e propositiva, as abordagens das questões culturais no ensino de Geografia a partir das especificidades da cidade de Cachoeira, fazendo-se uso de diferentes linguagens, com ênfase para a musical. Para a concretização do objetivo proposto fez-se uso de uma fundamentação teórico-conceitual acerca do ensino da Geografia e das abordagens culturais, em seguida foram realizadas entrevistas com três professores de Geografia do Colégio Edvaldo Brandão Correia, em que esses professores falaram sobre suas concepções e modos de ensino ao se abordar o fenômeno analisado na ambiência educacional. O presente trabalho se constitui em relevante contribuição com a Geografia escolar em que, através de interfaces dialógicas entre questões culturais, espaço urbano e ensino de Geografia, busca-se refletir e propor metodologias que contemplem o recorte espacial em análise, sobretudo valorizando a importância do cotidiano dos estudantes.

Palavras chave: Espaço Urbano; Cachoeira; Ensino de Geografia; abordagens culturais; música.

Abstract

The urban space is complex and plurithematic, constituting a challenge for the approaches in the Geography education. One of the interesting ways to perform with urban issues in educational spaces, in a broad and contextualized way, is to emphasize the spatial dimensions of material and immaterial cultural expressions, present especially in historical cities, as in the case of Cachoeira, located in the Recôncavo Baiano. Classified as a National Monument by the Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), due to its imposing architectural and landscape complex, Cachoeira is marked by the presence of a rich historic center that encompasses narrow cobbled streets and full of colonial buildings from Brazil Empire. In view of this, the research carried out that resulted in the present text aims to analyze in a critical, integrated and propositional perspective the approaches to cultural issues in the Geography teaching, from the specificities of the city of Cachoeira, using different languages, with emphasis on the musical. In order to achieve the proposed objective, a theoretical-conceptual foundation was used about the Geography teaching and cultural approach, then interviews were carried out with three Geography teachers from Colégio Edvaldo Brandão Correia, in which these teachers spoke about their conceptions and teaching methods when approaching the phenomenon analyzed in the educational environment. This work constitutes a relevant contribution to school Geography in which, through dialogical interfaces between cultural issues, urban space and Geography teaching, we seek to reflect and propose methodologies that contemplate the spatial area under analysis, especially valuing the importance of everyday life of students.

Keywords: Urban Space; Cachoeira; Geography Teaching; cultural approach; music.

Introdução

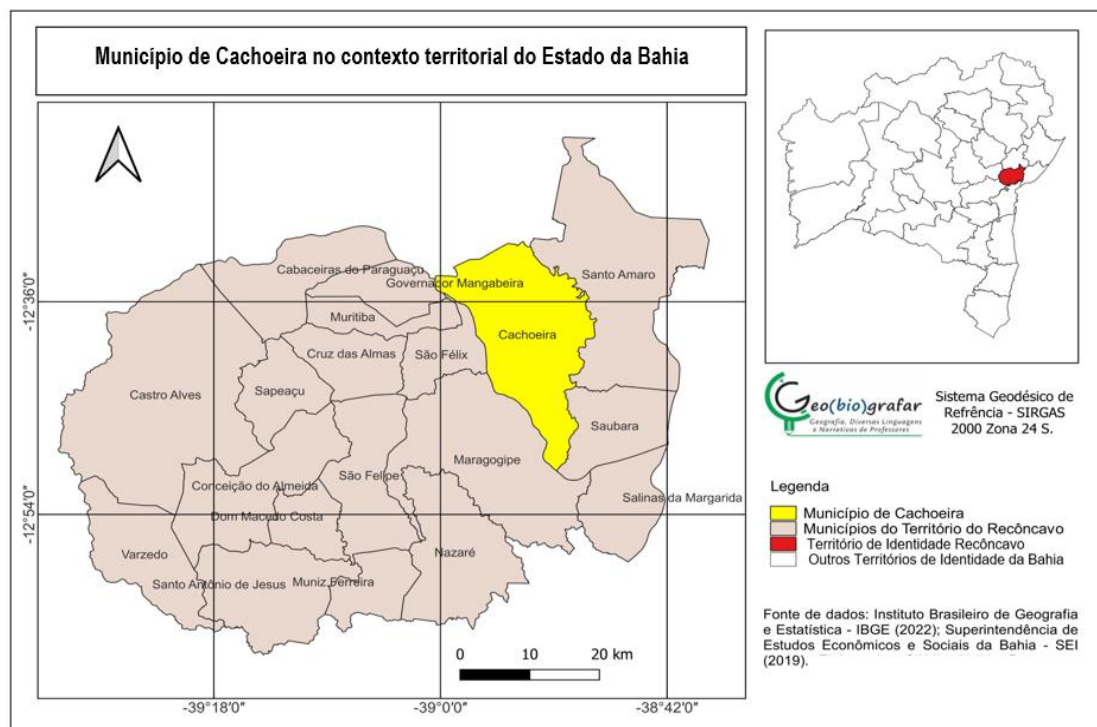
O espaço urbano é complexo e pluritemático, constituindo-se em um desafio para as abordagens no ensino da Geografia. Em 1999, no V Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (Enpeg), realizado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), a Professora Livia de Oliveira chamava à atenção para a criação de novas metodologias para um ensino de Geografia renovado ao dizer que “a Geografia precisa ousar, vestir roupas novas, coloridas, enfeitadas e continuar privilegiando o seu conteúdo, o espaço terrestre e geográfico”.

Assim, por uma Geografia que busque “vestir roupas novas” é sempre importante destacar o cotidiano do estudante por meio das potencialidades locais e regionais como um caminho metodológico a ser desenvolvido nas aulas de Geografia. Dentre essas potencialidades, cabe destacar a grandiosa diversidade cultural das cidades da região do Recôncavo Baiano, a qual se mostra ainda pouco explorada nos espaços educacionais dessa região, como é o caso, por exemplo, da cidade histórica de Cachoeira.

Conforme a mais recente regionalização instituída na Bahia (figura 1), Cachoeira está localizada no Território de Identidade Recôncavo, a 100 km da capital baiana, e está situada no baixo curso do rio Paraguaçu, que nasce na Chapada Diamantina, região central da Bahia, sendo um dos mais importantes do território baiano. O rio separa a cidade de Cachoeira (margem esquerda) da

cidade de São Félix (margem direita), sendo um dos meios de ligação entre essas duas cidades a centenária ponte imperial D. Pedro II¹.

Figura 1 – Município de Cachoeira no contexto territorial do Estado da Bahia



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE (2022); Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI (2019); Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia – Seplan(2007).

O município de Cachoeira possui área territorial de aproximadamente 395 km² e a população, conforme estimativas do IBGE, de 33.470 habitantes. A cidade é considerada Monumento Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), em virtude do seu imponente conjunto histórico, arquitetônico e paisagístico tombado pelo mesmo órgão no ano de 1971. Além disso, Cachoeira é uma importante referência cultural para o Recôncavo Baiano, abrangendo um conjunto de elementos presentes desde suas manifestações culturais até o seu rico patrimônio material edificado (reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional/IPHAN), que nos mostram, através das suas paisagens arquitetônicas, as marcas de um passado histórico de lutas, conflitos e

¹ A imperial ponte D. Pedro II se constituiu numa valiosa referência patrimonial edificada de Cachoeira, do Recôncavo e de toda a Bahia, estando localizada sobre as águas do rio Paraguaçu. A ponte foi inaugurada em 1885, pelo então doador e imperador D. Pedro II, tendo a sua construção em ferro e madeira importada da Inglaterra. A ponte mede 365,64 metros de comprimento e 86 metros de altura. A ponte foi reconhecida e tombada no ano de 2002, pelo Governo da Bahia e no ano de 2007 foi tombada historicamente pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN).

resistências que envolveram tanto o colonialismo predatório e violento, quanto as diferentes estratégias para o enfretoamento desse processo colonial.

Diante das especificidades deste contexto territorial, questiona-se: como professores têm abordado as questões culturais do/no espaço urbano da cidade de Cachoeira nas aulas de Geografia? Como o trabalho com a cidade de Cachoeira e seus lugares podem ser experienciados por meio do uso de diferentes linguagens, a exemplo da musical, para se discutir cultura sob ótica geográfica?

No presente texto, busca-se analisar numa perspectiva crítica, integrada e propositiva as abordagens das questões culturais no ensino de Geografia, a partir das especificidades da cidade de Cachoeira, fazendo-se uso de diferentes linguagens, com ênfase para a música. Para a concretização do objetivo proposto, fez-se uso de uma fundamentação teórico-conceitual acerca do ensino da Geografia e das suas abordagens culturais e, em seguida, foram realizadas entrevistas com três professores de Geografia do Colégio Edvaldo Brandão Correia², em que esses professores falaram sobre suas concepções e modos de ensino ao se abordar o fenômeno analisado na ambiência educacional. Portanto, este texto foi desenvolvido a partir de uma metodologia qualitativa.

O texto está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, faz-se uma contextualização discutindo-se as cidades e suas dimensões culturais na perspectiva do ensino de Geografia. Na seção seguinte, destaca-se a cidade de Cachoeira e suas especificidades culturais, sob ponto de vista patrimonial. Na terceira seção, são evidenciadas práticas docentes e concepções de professores sobre as abordagens culturais da cidade de Cachoeira em suas práticas educacionais cotidianas. Por fim, na última seção, são feitas proposições didáticas para se debater as dimensões culturais do espaço urbano de Cachoeira a partir do uso de músicas de artistas locais/regionais.

Enfim, esse texto comporta reflexões sobre concepções e práticas docentes de professores de Geografia da cidade de Cachoeira, bem como proposições metodológicas que podem ser trabalhadas na sala de aula para fomentar nos estudantes a compreensão das dimensões culturais urbanas, enquanto viés potencializador de significativas aprendizagens geográficas, tendo como base os conceitos geográficos e o cotidiano dos estudantes que vivem a cidade de Cachoeira. Esta que apresenta uma diversidade de riquezas histórico-culturais e que não devem deixar de ser exploradas nos espaços educacionais.

² Esta pesquisa teve como campo o colégio municipal localizado no centro da cidade de Cachoeira, que recebe as turmas de ensino fundamental II de todo o município.

A cidade e suas dimensões culturais no Ensino da Geografia

Sabendo que nós, professores/professoras de Geografia, podemos provocar o desejo de aprender nos estudantes através de práticas escolares que contribuam para o fortalecimento de seus aprendizados, inclusive por meio das relações cotidianas, o estudo da cidade ganha força, sobretudo, quando se aborda temáticas e questões referentes às dimensões culturais. Isso porque estas dialogam com a afetividade, com o lúdico, o festivo e o brincante de muitos desses estudantes, assim, possibilitando que esses também compreendam as relações urbanas que os cercam e se reconheçam como cidadãos do seu local e do mundo.

A Geografia tem um papel muito importante nas abordagens dos estudos urbanos, pois é por meio delas que se faz leituras e análises espaciais contextualizadas acerca das dimensões fisiográficas, sociais, econômicas e culturais que expressam diferentes formas de vida na cidade. Nisso, enquanto conteúdo didático, a cidade tem muita importância para o ensino da Geografia, pois os alunos vivenciam-na de diferentes maneiras, percebendo-a “como um mundo concreto e imediato, expressão de um modo de vida, lugar onde as pessoas se reúnem para conviver, aprender e participar da vida social e política” (LEITE; BOVO, 2014).

Diante disso, é preciso assegurar o que Cavalcanti (2008) afirma: as cidades podem ser educadoras, visto que elas são capazes de “educar, formar valores, comportamentos, informar com sua espacialidade, com seus sinais, com sua imagem, com seus sons, com sua escrita. Ela também é um conteúdo a ser apreendido por seus habitantes” (p. 74). Na perspectiva da referida autora, ao se referir a cidade como educadora, faz-se referência aos conhecimentos que estão nas ruas das cidades e nas relações sociais que permeiam o espaço urbano, assim, podendo ser oportunizados como viés educativo no contexto escolar. Tudo isso pode/deve ser discutido com os/as estudantes, a fim de torná-los/as conhecedores de sua realidade, bem como, a partir dela, criar um raciocínio crítico voltado a sua formação cidadã. O cotidiano está repleto de ações, de olhares, de vivências, de crenças, de costumes e saberes. As cidades congregam tudo isso, são lugares/espços de culturas, afinal estamos nos referindo ao encontro pessoas com identidades, marcas de vida e histórias diferentes.

No engendramento da sociedade urbana com a cultura, Ohtake (2017) enfatiza que as cidades crescem em razão da sua cultura e do acontecer da vida de seus habitantes, sendo importante lembrar das formas que as cidades adquirem no decorrer de suas histórias, das diferentes bases em que elas estão fundadas e seus costumes, pois são com elas que se constroem e sustentam os conceitos que estão impregnados em seus movimentos. Nesse viés, também se concorda com Mumford (1938) ao mencionar que, para o entendimento da cidade, seja necessário numa primeira instância abordar os pressupostos da técnica, da política, da religião e da cultura, sobretudo do aspecto religioso.

É importante destacar sempre que a diversidade cultural está presente no espaço urbano de diversas maneiras, o que leva a alertar para a necessidade de analisá-la na sua existência mais concreta nas cidades (CAVALCANTI, 2007). A dimensão cultural é extremamente relevante para a abordagem geográfica, visto que a cultura se expressa, também, do ponto de vista material, constituindo-se, assim, como uma grande temática para estudo geográfico. As cidades brasileiras, por exemplo, são caracterizadas por dezenas de manifestações que refletem a diversidade cultural do país e, com isso, evidenciando histórias, singularidades e características, bem como formas distintas de viver e conviver que podem ser levadas para o ensino da Geografia através de aulas sobre espaço geográfico, lugar, identidade e memória, por exemplo.

A cidade monumento nacional: Cachoeira e suas dimensões culturais no Recôncavo Baiano

O espaço urbano de Cachoeira também é marcado pela presença de um rico patrimônio cultural que preserva os traços do passado e salvaguardam a história e cultura local “[...] portadora de referências a identidade, a nação e as memórias dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (1988, art. 216)”. Diante disso, concorda-se com Hostensky (2022) quando pontua que, quando falamos sobre patrimônio, estamos nos referimos à riqueza material e imaterial, ao território e à territorialidade. Referimo-nos à noção de identidade, de experiências, de pertencimento, de religiosidade e de diversidade.

De acordo com Camargo (2002), o patrimônio pode ser definido como um conceito voltado ao reconhecimento dos “bens culturais ou monumentos de excepcional valor histórico e artístico nacional [...] traçado urbano, centros históricos, cidades históricas e monumentos isolados” (p. 95). Entretanto, conforme o Artigo 216 da Constituição Federal de 1988, pôde-se notar que houve uma ampliação do conceito de patrimônio histórico e artístico, quando essa passa a ser substituída por patrimônio cultural brasileiro, dessa forma abrangendo também a esse ao conceito a ideia de referência cultural.

O espaço urbano da cidade de Cachoeira é marcado pela presença de um rico patrimônio cultural que expressa, na materialidade, elementos da história urbana e regional. No ano de 1971, Cachoeira foi elevada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) à condição de Monumento Nacional em virtude do seu imponente conjunto arquitetônico/edificado, o qual testemunhou o processo inicial de lutas pela Independência do Brasil na Bahia ocorrido nessa cidade; àquela época, Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira.

Portanto, a trajetória, sobretudo de resistência da cidade de Cachoeira, é um dos fatores que a tornam reconhecidas como cidade Heroica³ e Monumento Nacional Isso, pois, no dia 25 de junho de 1822, a então Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira⁴ escreveu um importante capítulo da história política do Brasil. Após uma sessão extraordinária na Casa de Câmara e Cadeia local, em que D. Pedro I é aclamado Príncipe Regente Perpétuo do Brasil, iniciaram-se, ali mesmo, as guerras pela independência brasileira com as primeiras batalhas contra as tropas portuguesas e, assim, mudando para sempre os ventos da história do Brasil.

Por conta desse significativo processo de lutas pela independência do Brasil, no qual Cachoeira dá o passo inicial, todos os anos, no dia 25 de junho, a sede do governo da Bahia é transferida da cidade de Salvador, tendo os despachos oficiais assinados e datados com o nome da cidade de Cachoeira, enquanto capital provisória do estado. O ato cumpre o que está previsto na Lei nº 10.695/07⁵, aprovada pela Assembleia Legislativa da Bahia e sancionada Governador Jacques Wagner (Partido dos Trabalhadores/2007-2014). Para comemorar a data, sessões solenes e desfile cívico com a presença do caboclo e da cabocla⁶, símbolos da independência do Brasil na Bahia, bem como das mais diversas autoridades nacionais, são realizados na cidade.

Segundo Clavel (2006), as cidades são cosmopolitas pelo fato de reunirem pessoas oriundas de outras cidades, de outros países e de diferentes contextos geográficos. Assim, mencionamos que Cachoeira é marcada por uma extensa expressividade cultural, sobretudo por conta da presença e do processo de escravização e de resistência dos africanos, o que inclui a conservação e valorização das suas ancestralidades; além também da presença dos europeus, refletidos na arquitetura e no catolicismo, tão atuante, o que resulta numa cidade com diferentes expressões culturais, frutos de interações etnográficas envolvendo europeus, negros e indígenas.

Constata-se, portanto, um extenso repertório cultural que se estende desde os ritmos musicais, aos sabores, ritos sagrados e práticas profanas, devoções, danças e festas populares que incluem a cidade no calendário cultural do estado da Bahia, organizado pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural (Ipac).

³ Cachoeira, a Heroica, assim denominada pela lei nº 43, de 13 de março de 1837, em virtude dos seus feitos nas lutas pela independência do Brasil.

⁴ Importante dizer que Cachoeira só foi elevada condição de cidade em 1837 (há 185 anos). Até então, Cachoeira era chamada de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, fundada em 1531 (há 491 anos).

⁵ A Lei 10.695/2007 foi criada pela Deputada Estadual Lídice da Mata, aprovada pela Assembleia Legislativa da Bahia e sancionada pelo governador Jacques Wagner, assim, estabelecendo que, anualmente, todo 25 de junho a sede do governo seja transferida para Cachoeira, tendo em vista que neste dia, no ano de 1822, os moradores de Cachoeira iniciaram as lutas pela Independência da Bahia, culminando com a batalha final em 2 de julho de 1823, dia em que, finalmente, a Bahia se tornou independente de Portugal.

⁶ O caboclo e a cabocla representam os indígenas e mestiços baianos que lutaram pela Independência da Bahia em 1823.

A religiosidade sempre foi um fator fundamental na vida cotidiana cachoeirana. A cidade é sede da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte⁷, uma das mais importantes confrarias de mulheres pretas do Brasil, bem como é uma das cidades com um expressivo número de terreiros de candomblé em diversas nações no Brasil. É também espaço de diferentes celebrações católicas e sincréticas, como as festividades dedicadas à Nossa Senhora sob vários títulos, dentre eles Nossa Senhora D' Ajuda⁸, que assume uma configuração muito interessante na dinâmica cultural local ao enfatizar as dimensões do sagrado e do profano sob a ótica urbana local.

O calendário festivo da cidade é bastante diversificado. Fazem parte desse calendário eventos que possuem uma ampla rede de organização e que envolvem famílias, poder público local, governo do estado, além de agregar ofícios, como a confecção de roupas, fantasias, abadás e produção de comidas. São festas que têm a capacidade de interrelacionar espaços diversos, além de redefinirem os lugares em que acontecem, como é o caso dos festejos juninos, das festas de Nossa Senhora da Ajuda e de Nossa Senhora da Boa Morte e da Feira Literária Internacional da Cachoeira (Flica)⁹.

Nisso, não se pode deixar de mencionar que essa cidade abriga importantes lugares, desde suas imponentes igrejas, praças onde acontecem festas, feiras, festivais e encontros, ruas históricas em calçamento de pedras, monumentos, construções e prédios imperiais/coloniais que retratam as marcas (rugosidades) do passado local e que compõem o arranjo urbano e paisagístico atual da cidade.

Portanto, a partir dessa perspectiva dos lugares da cidade, esses que congregam emoções, memórias, laços identitários e sentimentos, nota-se o quanto as cidades têm a contribuir a partir de sua dimensão cultural na formação de jovens em idade escolar, jovens que vivem e estão sob o contexto dos lugares da cidade, sujeitos atuantes dessa dimensão cultural, mas que não reconhecem a fundo a importância disso, devido à falta dessas discussões no cotidiano da sala de aula.

⁷ A Irmandade da Boa Morte é composta por mulheres negras idosas e é considerada uma das primeiras irmandades exclusivamente femininas do Brasil. Estima-se que ela tenha sido fundada por volta de 1820. Ela exerce, desde a época de uma sociedade ainda escravocrata, o papel de um ambiente de resistência e amor ao povo negro. Na Irmandade, as mulheres professavam a religião dominante ao mesmo tempo em que cultuavam e celebravam suas crenças ancestrais. As celebrações eram, e continuam sendo, caracterizadas por atos litúrgicos com banquetes, muita música e símbolos africanos.

⁸ A Festa de Nossa Senhora da Ajuda é realizada desde 1820 e é considerada pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural (Ipac), desde 2017, como Patrimônio Imaterial da Bahia.

⁹ Trata-se de um Festival Literário que acontece anualmente no mês de outubro em Cachoeira. No evento, a arte e a literatura se unem aos nomes dos diversos escritores que vivenciam a partilha de seus escritos com a comunidade cachoeirana e com os turistas de diversos lugares do mundo que aproveitam a cidade nesse período.

Narrativas, concepções e práticas dos professores sobre as abordagens culturais na/da cidade no Ensino de Geografia

Nesta seção serão abordados os resultados da pesquisa de campo realizada com a participação dos três professores que estão regentes na disciplina de Geografia da Escola Edvaldo Brandão Correa. Esses professores colaboradores, conforme elucidado no Temo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), foram o identificados pelas letras A, B e C. Ressalta-se que a pesquisa de campo se deu por meio da realização de entrevistas focalizadas, em que se verificou concepções e práticas docentes diante de temas voltados para a abordagem cultural no ensino de Geografia, com ênfase nas potencialidades culturais do espaço urbano de Cachoeira.

Os colaboradores envolvidos na pesquisa foram três professores concursados. O Professor A tem 51 anos e possui formação em magistério e Pedagogia; o professor B tem 42 anos e possui formação em Pedagogia; o professor C tem 42 anos e possui formação em Turismo e Administração de Empresas. Partindo do perfil dos professores de Geografia mencionados, a primeira problematização feita referiu-se aos seus percursos formativos escolares a partir da seguinte questão: na sua formação escolar, nas aulas de Geografia, questões referentes à cidade e à cultura eram abordadas? Esse questionamento foi muito interessante. Todos os colaboradores mencionaram que a Geografia aprendida nos tempos escolares se tratou de uma Geografia tradicional voltada à memorização, às cópias no caderno e a uma distância muito grande da realidade vivida.

Sobre esse questionamento, os professores ainda narram que, nos dias atuais, com a presença dos documentos curriculares oficiais, norteadores para o ensino, os próprios vêm tendo a oportunidade de participar da sua construção, possibilitando-os “certa liberdade” e flexibilidade para discussões de assuntos relacionados a cidade e a vivências estudantis.

A gente acaba vindo de uma herança escolar tradicional, sobretudo quando os exemplos e as cópias visavam mais o eixo sul-sudeste... Então, tanto no aspecto da História, quanto da Geografia, acabávamos ficando em nossas aulas com exemplos relacionados às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, ou então a algo que fizesse uma referência à Amazônia... Os aspectos locais ficavam mesmo em exemplos bem pontuais durante as aulas através de pequenos comentários e não como debruçamento para se de discutir e aprender sobre a Geografia do lugar [...]. Hoje, é muito importante essa forma como nós observamos, as mudanças curriculares que foram acontecendo com o passar do tempo. Recentemente, nós, professores da rede municipal, participamos da confecção do Referencial Curricular do Município, onde pudemos, todos os professores, propor e refletir sobre o estabelecimento de assuntos voltados para a realidade de Cachoeira. Isso é um avanço. Do que adianta o menino estar no Acre estudando sobre as geografias São Paulo, do Rio Tietê? Ele tem que saber que existe? Sim..., mas para identificar de maneira mais fácil, claro que estudar aquilo que é a matriz referencial local é mais importante (PROFESSOR C).

O relato evidencia para a forma como a Geografia era tratada/ensinada no passado, sem destaque para o cotidiano dos estudantes, fundamentada na apropriação de conceitos memorizados. Com isso, sob perspectiva tradicionalista, a Geografia acaba contribuindo para a “reprodução de um conhecimento conteudista, descritivo, desarticulado e fragmentado pela sociedade” (PIRES, 2012, p. 2). Na esteira dessa reflexão, Souza e Queiroz (2012, p. 110) abordam que ainda existe uma separação entre conhecimento científico e a realidade cotidiana, em que destacam que “nos isolamos em nossa ‘ilha’ de conhecimento – a nossa disciplina –, e não pensamos o todo”, ou seja, quantas vezes nas aulas de Geografia são abordadas macro realidades diversas, causas e resoluções de problemas, enquanto questões que envolvem o cotidiano e pessoas de perto que também são parte desses processos são esquecidas?

É muito importante que a Geografia abordada na sala de aula permita a visualização da ciência, através do meio e dos acontecimentos próximos dos estudantes, proporcionando o “encontro/confronto da geografia cotidiana [...] com a dimensão da geografia científica” (CAVALCANTI, 2008, p. 141). Novamente, concorda-se com Souza e Queiroz (2012, p. 110), quando estes fazem um convite para o rompimento dessas separações entre conhecimento produzido e saberes cotidianos, para que se busque pensar a educação geográfica na sua totalidade “como uma importante parte, mas não a única, de apreensão dessa realidade”.

Nas falas também ficaram evidente os “novos rumos” que a Geografia tem tomado, inclusive a partir do surgimento de documentos balizadores da educação brasileira, a exemplo, os PCNs (final da década de 90) e a BNCC (2017), que contribuíram e contribuem para a organização dos currículos escolares. A partir da inserção desses documentos no contexto da educação brasileira, surge também o Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB), que é o normativo estadual que visa orientar os sistemas, as redes e as instituições de ensino da educação da Bahia e o Documento Curricular Referencial Municipal (DCRM), o qual é mencionado nas falas anteriores dos colaboradores.

O DCRM, de acordo com a Secretaria Municipal de Educação de Cachoeira (2020), foi construído de forma colaborativa com os diversos segmentos da área de educação e da comunidade cachoeirana, por meio de consulta pública. O documento contempla os princípios da educação municipal, centrado nas aprendizagens esperadas para cada etapa da educação básica, da educação infantil ao ensino fundamental, destacando as relações humanas, fundamentadas no princípio da oferta de uma educação de qualidade. Assim, o documento apresenta em sua estrutura, conforme será enfatizado na próxima seção, habilidades, competências e estratégias de aprendizagens a partir de conceitos fundamentais da Geografia articulada a realidade do local.

O segundo questionamento destinado aos colaboradores desta pesquisa foi o seguinte: qual seu entendimento por cultura e como você percebe a dimensão cultural do espaço urbano de Cachoeira? As respostas dialogaram com aproximações teóricas, a exemplo de Paul Claval, e versaram abordagens sobre a cidade em estudo, visto que os colaboradores desta pesquisa são naturalizados de Cachoeira. Portanto, tiveram bastante propriedade para desenvolver suas narrativas.

Quando se fala de cultura, a gente acaba entrando em diversos vieses, cada um com sua perspectiva, mas acho que de modo geral, e o que todo mundo concorda, é que cultura são aquelas características que compõem um determinado espaço, um determinado povo e um determinado período da história. Então, se pegarmos o Brasil, veremos que são várias culturas. O Nordeste em si, a Bahia por si só já é um celeiro cultural. Então, eu entendo cultura como essas características que compõem um determinado lugar, um povo dentro de um espaço de tempo e vai desde a sua religião, sua vestimenta, o que se gosta de comer, vestir, ouvir, como se fala, a forma de se comunicar. Eu acredito que isso tudo pode se dizer que seja uma das possíveis definições de cultura. Quando se fala em Cachoeira, especificamente, a gente tem aí uma herança cultural muito emblemática que advém dos povos nativos, os próprios indígenas, dos povos que vieram para cá, como os europeus, os brancos e os negros que vieram forçadamente. Então, a gente tem um aspecto dentro da cidade, como é o caso da questão arquitetônica, isso é bem marcante, desde o seu calçamento até as casas, seus moldes e arquitetura dessas. Temos os aspectos da religiosidade em que o sincretismo religioso é tão latente, principalmente no espaço urbano, como também nos distritos. A gente tem os aspectos religiosos, os aspectos musicais, gêneros misturados com outras culturas, como os ternos, as danças, a Irmandade da Boa Morte, que acho que é uma das mais conhecidas mundialmente e que tá na cidade de Cachoeira [...] (PROFESSOR A).

É interessante perceber como a concepção de cultura apresentada pelo professor está ligada ao local, visto que Cachoeira, conforme destacado na narrativa, possui uma elevada magnitude cultural, o que nos faz corroborar com Callai (2012) quando destaca que os laços do local são substancialmente culturais e que, quando não existe essa relação, o lugar passa a não ter significado para as pessoas que ali vivem. Portanto, quando os professores colaboradores mencionam as suas concepções sobre cultura e destacam seus olhares sobre as dimensões da cultura de Cachoeira, significa dizer que esses conseguem “perceber a história do lugar, as origens das pessoas que ali vivem e as verdades e os valores que pautam as relações entre elas” (CALLAI, 2018, p. 104).

Portanto, partindo desse reconhecimento, o seguinte questionamento destinado aos colaboradores desta pesquisa foi a seguinte pergunta: você já tratou/trata sobre assuntos que envolvem as diferentes expressões culturais e identitárias de Cachoeira nas suas aulas de Geografia? Como se deu essa experiência?

A abordagem da cidade de Cachoeira em minhas aulas é super valorizada, inclusive nas aulas para o 6º e 7º ano. Diante disso, sempre buscamos atrelar as discussões à cidade. Como por exemplo, em discussões sobre paisagem, sobre lugar, sobre a formação do Brasil, temos em nosso município muitos resquícios desse passado histórico... Sempre busco olhar para Cachoeira com os estudantes nas discussões desses pilares (PROFESSOR B).

Essa contribuição pertinente chama atenção para a necessidade da correlação de temas ligados à cidade, evidenciando suas dimensões culturais a partir de conceitos estruturantes da Geografia, desse modo possibilitando o desenvolvimento de contribuições sobre os habitantes locais e as e suas práticas socioculturais no cotidiano da vida urbana vivenciada na cidade. É a cidade que representa os laços que ligam as várias pessoas que compartilham de um mesmo território para efetivarem suas moradias, para o trabalho e para satisfazer suas necessidades de sobrevivência (CALLAI, 2012).

Outra questão importante na narrativa é a ênfase dada às turmas do 6º e 7º ano. Entende-se que nesse ciclo as discussões são mais favoráveis para abordagens de tais temáticas, a exemplo de questões ligadas ao lugar, às transformações das paisagens, à formação territorial do Brasil. Entretanto, há uma gama de possibilidades de articulação das questões culturais da cidade de Cachoeira que podem ser abordadas em aulas de Geografia para o 8º e 9º ano, por exemplo, nas discussões sobre os continentes africano (8º ano) e europeu (9º ano), conforme pode ser observado nas habilidades e competências organizadas no DCRM quando aponta para a seguinte habilidade: “Relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, África, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais” (CACHOEIRA, 2020).

[...] muitas vezes, antes da pandemia, a partir de saídas de campo, por meio de atividades diversas voltadas para discussões sobre a preservação do patrimônio cultural no espaço urbano; ao abordar temáticas sobre as regiões brasileiras, como é o caso da nossa região, há uma discussão muito importante sobre o papel cultural da nossa cidade, seja na produção de açúcar, nos escravizados e em seus costumes, hábitos e na religiosidade, até hoje presentes e tão marcantes na nossa sociedade cachoeirana a partir das tantas manifestações culturais (PROFESSOR B).

Sobre as expressões culturais de nossa cidade, temos diferentes projetos voltados ao Recôncavo, com o recorte em Cachoeira. Já trabalhamos com os aspectos culturais religiosos da cidade, onde nossos meninos entrevistaram as componentes da Irmandade da Boa Morte, resultando num Podcast no qual eles falaram sobre o surgimento e importância da Irmandade da Boa Morte em Cachoeira, revelando o multiculturalismo da nossa cidade. Os nossos alunos gostam de trabalhar com o que eles vivenciam e o que estão acostumados a ver (PROFESSOR C).

Os dois últimos relatos indicam para práticas docentes ligadas à valorização do patrimônio cultural local, esse que advém de um passado histórico e foi salvaguardado no intuito de fazer com que os vários acontecimentos ali presenciados, os saberes fazeres e a cultura não fossem dissipados. As professoras Carina Copatti e Alana Rigo Deon (2020) produziram um estudo muito pertinente a essa questão, em que destacam a invisibilidade do tema patrimônio cultural no ensino da Geografia e concordam que para a Geografia. O patrimônio é considerado como um elemento importante da história do espaço geográfico. Sendo assim, estudar/conhecer a cidade a partir do seu patrimônio “é fundamental para que o estudante construa consciência pela sua preservação, contribuindo assim para a formação cidadã” (COPATTI; DEON, 2020, p. 90) e para o respeito às diversas manifestações culturais que se enquadram na imaterialidade do patrimônio.

Sobre essas manifestações culturais que retratam as especificidades locais no ensino de Geografia, Castro (2012) destaca que são de grande relevância para o entendimento do conceito de cultura, enquanto uma construção cotidiana da qual toda a sociedade participa coletivamente, incluindo estudantes e professores. É possível perceber nos relatos diversas experiências docentes a partir das manifestações da cultura local por meio de práticas de estudo de campo, reflexões sobre os ciclos econômicos, responsáveis por tornar a economia do Recôncavo (à época, pujante e consolidada), além de discussões que evidenciam a imaterialidade cultural cachoeirana, as quais reverberaram em importantes práticas de ensino voltadas para o estudo da cidade e do seu patrimônio cultural. Portanto, essas são experiências que consideram as relações estabelecidas pelos sujeitos sociais com o patrimônio cultural como possibilidade de entendimento da cidade enquanto parte da formação da cidadã (COPATTI; DEON, 2020).

Em Cachoeira, conforme o Documento Curricular Referencial Municipal, a disciplina Educação Patrimonial é obrigatória em todo o município, compondo a Base Diversificada do Currículo Escolar, ofertado ao 7º ano, com um papel interdisciplinar importante nas práticas sociais de valorização e preservação do patrimônio local. De acordo com o documento, a Educação Patrimonial no município é considerada como um dos pilares para a compreensão da realidade social na qual o estudante cachoeirano está inserido. “Isso se dá pela relevância do patrimônio material e imaterial da cidade de Cachoeira, que por sua vez move-se no povo daqui” (CACHOEIRA, 2020, p. 94). É importante que a educação patrimonial trabalhe numa perspectiva integrada e crítica de patrimônio material e imaterial e que venha a considerá-los num viés amplo e diverso e que contemple diferentes coletivos sociais, dentre eles indígenas e negros.

Portanto, chegando ao fim dessa seção, é importante pontuar a crucialidade da correlação dos temas culturais da cidade aos conceitos da Geografia. Assim, concorda-se com Cavalcanti (2008)

quando propõe a necessidade de articulação dos conceitos geográficos com o cotidiano, no intuito de contribuir com o pensamento geográfico dos estudantes. Caso contrário, essas aulas, vivências e experiências podem caminhar para uma discussão antropológica, ficando a Geografia à parte da proposta discursiva.

As diversas linguagens no ensino de Geografia: o uso da música para o debate das especificidades culturais de Cachoeira

Foi pensando na possibilidade de entrelaçamento entre a Geografia e as artes que, nesta seção, serão evidenciadas propostas didáticas sobre a cidade de Cachoeira a partir das contribuições da música na sala de aula. Assim como os textos literários e jornalísticos, imagens, poesias, cordéis e revistas, a música também é considerada uma importante linguagem, ou seja, um dispositivo metodológico que pode ser experienciado no âmbito da prática de ensino de Geografia. De acordo com Meireles e Portugal (2012, p. 19), as diversas linguagens no ensino da Geografia “favorecem a compreensão de temas, conceitos e temáticas sobre o espaço urbano, numa relação intrínseca entre esta ciência/disciplina escolar e a artes [...]”.

Durante o campo desta pesquisa, foi feita também aos colaboradores a seguinte pergunta: a Geografia se apresenta em diversas linguagens (músicas, jogos, tecnologias, literaturas, imagens, charges, quadrinhos, filmes, jornais etc.). Você já utilizou algumas dessas linguagens geográficas em sala para discutir o espaço vivido (cotidiano e cultura local/regional) dos alunos? As respostas foram positivas, enfatizando a impossibilidade de, nos dias atuais, em que os estudantes são tão ligados à era digital, não caminharem junto aos mesmos.

[...] Durante as minhas aulas sempre trago linguagens para abordagem de temas geográficos, como por exemplo, músicas locais, do próprio Edson Gomes, que tem sua família aqui em cachoeira e São Félix. Então as letras de suas músicas giram em torno da resistência do povo do Recôncavo. As fotografias, eu amo, acho que dá cor e possibilita os meninos a identificarem o que estamos abordando. Uma aula sem imagens, figuras, pra mim não é uma aula. Essas são algumas das alternativas que tento ao máximo explorar em minhas aulas para dinamizar um pouco mais o momento (PROFESSOR C).

Nas narrativas, foi possível perceber a importância que os professores dão às diversas linguagens, um aspecto bastante positivo, visto que essas linguagens têm contribuído para tratar temáticas geográficas presentes na educação básica, como espaço, território, diversidade cultural, cidade, bairro e lugar (CAVALCANTI, 2012, p. 15). Portanto, nesta seção, serão utilizadas proposições didáticas através do uso de letras musicais para apresentar histórias da vida cotidiana da cidade de

Cachoeira, a magia, a religiosidade, as cores, os sabores, os sons e os ritmos, difundindo e potencializando imagens da cultura cachoeirana, bem como as relações construídas pelas pessoas com os lugares através de vivências cotidianas.

Pelo fato da região do Recôncavo Baiano, com destaque para o município de Cachoeira, ser concebida como um importante berço cultural marcado por uma abrangente musicalidade que congrega os mais diversos ritmos, passando pelo samba de roda¹⁰, *reggae*, *arrocha*, *axé* e música afro-barroca. Optou-se em primeira escolha pela utilização de músicas para propor abordagens sobre o cotidiano cultural local nas aulas de Geografia.

De acordo com Santos *et al.* (2022), “a música perpassa o cotidiano das pessoas”, assim, estando presente nas suas vidas, desde o nascimento, a partir das canções de ninar, bem como dos repertórios musicais presentes nos desenhos animados, até a vida adulta, a partir dos diversos gêneros. Além disso, ela “[...] ocupa no Brasil um lugar privilegiado na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional” (NAPOLITANO, 2005, p. 7).

Do ponto de vista didático pedagógico, Silva (2018) elucida que as músicas que expressam a realidade vivida articuladas ao ensino de Geografia asseguram, além de um melhor entendimento dos conteúdos, uma valorização dos elementos materiais e imateriais que compõem a região ou o lugar onde os estudantes vivem. Assim, concorda-se com Pinheiro (2004), ao discutir que a multiplicidade dos conceitos, temas e conteúdo da Geografia seja uma das vantagens de se utilizar a música para contextualizações em sala de aula de forma mais lúdica, assim, aguçando nos discentes, atentos à diversidade musical, uma maior participação durante as aulas.

A partir daqui, pretende-se destacar a utilidade da música no ensino de Geografia, com ênfase no estudo da cidade de Cachoeira. Nessa perspectiva, concorda-se com Souza e Conceição (2018), quando estes apontam que as cidades oferecem poesias e sentimentos que são transcritos pelos compositores nas suas letras, evidenciando olhares, mistérios e releituras da cidade em determinado momento.

A cidade, como construção humana, é poética, pois é imbuída de sentidos para os cidadãos. As ruas, as praças, os prédios, os monumentos, tudo isso possui sentidos e valores identitários que são transpostos para o papel, pelo artista. Em suas canções, o autor tanto decifra quanto cria enigmas sobre a cidade, pois sua música

¹⁰ O samba de roda foi difundido pelos africanos no Brasil colonial, sobretudo no Recôncavo Baiano, com destaque para Cachoeira. No ano de 2005 foi tombado como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

é leitura que ele faz do lugar, em determinado espaço-tempo. (SOUZA; CONCEIÇÃO, 2018, p. 125).

Portanto, ler a cidade através da música, conforme evidenciam Santos *et al.* (2022), pode conduzir o ouvinte a entender e analisar os porquês de cada construção arquitetônica, das ruas, das festas populares, dentre outros aspectos a serem escutados e analisados. No caso da cidade de Cachoeira, por exemplo, nas letras das músicas dos chamados “filhos da terra”, a leitura da paisagem expressa a pluralidade, sendo um convite ao professor, o qual “[...] não deve perder a oportunidade de trabalhar as canções locais, principalmente no trabalho com os jovens tão atentos à expressão cultural [...]” (BRASIL, 1998, p. 34).

Assim, para este trabalho, foram selecionadas quatro músicas que retratam o cotidiano sociocultural de Cachoeira. Foram elas: *Adeus, gente*; *Homem! O animal que fala*; *Cachoeira e São Félix* e *Forró em Cachoeira*. São músicas que possuem potencial e que podem oferecer interpretações diversas em contextos múltiplos que caracterizam a Cidade Heroica e o Monumento Nacional.

A música “*Adeus, gente!*”, composta no ano 2000, é um dos sambas-de-roda mais entoados no transcurso dos festejos de Nossa Senhora da Ajuda pelo grupo de samba de roda “Agita Samba”¹¹. As músicas desse grupo retratam Cachoeira em suas diversas interfaces. A partir da leitura da letra de “*Adeus, gente!*” é possível perceber o sentimento de afeto e pertencimento que o compositor tem com a cidade de Cachoeira, a cidade em que não vive mais, porém que está sempre na sua memória afe(s)tiva. Abaixo, um fragmento da letra da canção “*Adeus, gente!*”:

“Adeus, gente!”

(Composição: Grupo Agita Samba. Interpretação: Grupo Agita Samba).

*Segure a asa do pavão pra não voar,
Se você é de Cachoeira, eu sou de lá [...].
Cachoeira, eu moro em Jacobina,
Eu moro em Jacobina,
Cachoeira é a minha terra.
Adeus, gente! Adeus, gente!
Adeus que eu já vou me embora!
Adeus, gente!
Com Deus e Nossa Senhora.
Adeus, gente!*

A composição destaca o sentimento de pertencimento do compositor com a terra natal quando menciona que mora em Jacobina, mas que sua terra é Cachoeira. Essa música possibilita abordar

¹¹ Agita Samba é um grupo cultural de samba de roda eletrônico que é reconhecido no Recôncavo Baiano pelo seu imenso sucesso no início dos anos 2000, com sambas agitados que retratam a vida do homem e da mulher do Recôncavo. O grupo sempre foi presença marcada nas principais festividades da região.

temas e conteúdos geográficos, que segundo o DCRM (2020) estão relacionados com a unidade temática *O sujeito e seu lugar no mundo*, que objetiva:

[...] relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial, comparando com os aspectos da Bahia e de Cachoeira, respeitando a interligação entre países estados e cidades (CACHOEIRA, 2020, p. 41).

Na perspectiva da Educação Patrimonial, essa canção, conforme estabelece o organizador curricular de Educação Patrimonial proposto no DCRM, pode ser utilizada para discussões que envolvem a unidade temática *Território, Memória e Identidade*, a qual tem por objetivo “reconhecer o lugar onde se vive como pertencimento e identidade espacial com a paisagem” (CACHOEIRA, 2020, p. 95) a partir da habilidade “(EF7EP24) Reconhecer o samba de roda como patrimônio imaterial presente na cidade de Cachoeira e no Recôncavo baiano” (CACHOEIRA, 2020, p. 97).

Assim, a partir do trabalho com a letra desse samba de roda nas aulas, o professor de Geografia, em diálogo com o professor de Educação Patrimonial, não deve deixar de mencionar em suas abordagens os conceitos de migração, de territorialidades, de desterritorialização e de lugar, elucidando novas discussões, como a importância do sentimento de pertencimento, a questão das identidades locais e regionais. Pode-se fazer uma importante discussão sobre as festas populares da cidade de Cachoeira e a sua relação com o samba de roda, um ritmo difundido no Recôncavo Baiano pelos negros escravizados e que é reproduzido pelos seus descendentes até os dias atuais.

Composta por Sr. Mateus Aleluia¹² em 2009, a canção “*Homem! Animal que fala*” reproduz um olhar para a cidade de Cachoeira, a qual tem sido tão desrespeitada por outros sujeitos sociais, seja por meio do racismo, da intolerância religiosa e da violência, que devem ser duramente combatidos nos espaços educacionais. Em outro momento, o compositor narra os bairros e lugares da cidade, expressando saudosismo e suas experiências afetivas e religiosas já vivenciadas em cada um deles e no rio Paraguaçu, com destaque para a Pedra da Baleia, situada no baixo curso do referido rio e que se constitui em um marco devocional para religiões de matrizes afro-brasileiras, a exemplo de cultos candomblecistas em que muitos familiares e até mesmos estudantes de Cachoeira vivenciam essas práticas. O compositor ainda se refere à cidade da Cachoeira como o *Big Bang*, dando a entender que foi em Cachoeira que tudo começou.

¹² O cantor e compositor Mateus Aleluia, natural da cidade de Cachoeira, integrou o grupo afro barroco “Tincoãs” entre as décadas de 1960 e 1970, permanecendo por vinte anos. Ao deixar o grupo, o cantor e compositor se mudou para a Angola e passou a se dedicar a pesquisas de cunho cultural.

Conforme já dito, a cidade de Cachoeira é marcada por extensa diversidade cultural que se origina a partir do encontro de etnias no passado do Recôncavo. São os indígenas, africanos e europeus. Isso justifica o fato de essa cidade ser contornada por uma extensa pluralidade cultural. Além disso, o processo de lutas pela independência do Brasil, como já evidenciado no capítulo anterior, teve início nessa cidade – inclusive com a participação dos negros – que em muitas das vezes tem recebido narrativas racistas, colonialistas e elitistas de pessoas que a julgam como “cidade da macumba”, “cidade da energia pesada”, “cidade das ruínas”, dentre outros termos pejorativos que são empregados por pessoas ignorantes para deturpar a sua imagem.

A seguir, a letra da música:

“Homem! O Animal que fala”

(Compositor: Mateus Aleluia. Intérprete: Mateus Aleluia)

*Cachoeira
Foi de Luanda que entendi sua realidade
Olhem pra mim, sou de Cachoeira
Penso, falo, canto e sou sua liberdade
Depois do grande Big Bang, surgimos
E até hoje me pergunto
Quem fomos, quem somos, quem seremos?
A classificação é homem, o animal que fala
Eu nasci em Cachoeira
E perguntei a Cachoeira: por que tanta decepção?
Cachoeira me disse
(Pergunte ao homem)
Cachoeira, e tanta desilusão, tanta intolerância, por quê, Cachoeira?
(Coisa do homem)
Cachoeira, e tanta violência, Cachoeira? O porquê, Cachoeira?
(Desperta o homem)
Também Cachoeira me disse: O homem que eu falo é você
Mergulhe bem dentro de si, se encontre e pergunte por que
Quando chego na Pitanga
Certeza tenho que em casa eu já cheguei
À tardinha vou passear no campo da manga
Lembro do Caquende, em cuja as águas eu me banhei
Da Faceira e Tororó, eu vejo a pedra da baleia
E o santuário de Oxum, Mãe Aziri Togbossi
Subindo a levada, vejo o Ilê de Gaiaku
Esse é o Big Bang, Cachoeira*

A partir da utilização dessa canção nas aulas de Geografia, o professor não deve deixar de decifrar com os estudantes os motivos que tornam Cachoeira o “início da liberdade”, fazendo alusão ao processo de independência do Brasil, ali iniciado em 25 de junho de 1822, assim, reforçando a habilidade “(EF7G2) Reconhecer a importância das lutas pela consolidação da independência da Bahia, a partir do Recôncavo Baiano, especificamente Cachoeira, região de grande importância

econômica e política” (CACHOEIRA, 2020, p. 37), bem como contextualizar a participação de diferentes coletivos etnográficos, como negros e indígenas, nesse processo histórico.

Não se deve deixar de discutir com os estudantes as questões ligadas ao papel do cidadão na cidade, refletindo quais são essas decepções, intolerâncias e violências que acometem a cotidianidade local. Os lugares da cidade não devem deixar de ser evidenciados, esses que possuem grandes significações para os seus habitantes, conforme se pode perceber na letra da música. Sobre o conceito de lugar na Geografia, esse é sustentado como sendo uma das categoriais mais importantes para o entendimento do espaço geográfico, uma vez que propicia e engloba os elementos da paisagem, podendo fomentar a construção afetiva/perceptiva dos indivíduos, que se encontram distribuídos em diversas espacialidades, e com uma pluralidade de contextos sociais diversos (RELPH, 1979).

Nesse contexto, Lima (2018, p.154) enfatiza que “o lugar tem um caráter individual forjado pelas determinações concretas do meio, pelos apelos do hábito e da história, que acabam por tornar o lugar a própria casa, a cidade natal”. Fora deste lugar a localização é apenas mera extensão do espaço abstrato, isto é, não simboliza a identidade de cada sujeito que se compreende como pertencente a um determinado tempo e espaço específico. Assim, compreender os fenômenos por meio da mediação de conceitos geográficos permite que os alunos compreendam as diferenças e semelhanças em diferentes escalas.

Ao propor um trabalho com essa canção, muitas propostas pedagógicas podem ser evidenciadas no contexto dentro e fora da sala de aula. Solicitar que os estudantes produzam um mapeamento sociocultural da cidade, a partir de desenhos, fotografias ou narrativas, evidenciando os lugares das manifestações coletivas, culturais e religiosas da cidade, expressando suas opiniões sobre o preconceito religioso e racial, configura-se numa importante estratégia de entender as dimensões socioculturais locais, articuladas aos conceitos geográficos e a aplicabilidade da Lei 10.639/03.

As músicas “Cachoeira e São Félix” e “Forró em Cachoeira” são dois forrós que retratam as potencialidades culturais da cidade de Cachoeiras e de outras cidades do Recôncavo. Composta por Tiziu de Araripe em 2019, Cachoeira e São Félix evoca os lugares da cidade de Cachoeira, a qual é separada da cidade vizinha São Félix pelo rio Paraguaçu e pela ponte, atribuindo-lhes ao conjunto paisagístico semelhança a um presépio.

A canção ainda menciona o forró, ritmo bastante difundido do Recôncavo, com destaque para as festas de São João em Cachoeira, cita as celebrações de São Cosme e Damião, no bairro onde tem a igreja dedicada aos santos gêmeos e que é marcado pelos carurus no mês de setembro, e menciona as orações e devoções populares de Belém, distrito de Cachoeira, onde há um santuário dedicado a Santo Antônio Galvão, primeiro santo brasileiro e que residiu nesse distrito durante seus estudos no

seminário. Trata-se de uma localidade que atrai caravanas de diversos lugares em direção ao santuário para pagar promessas e fazer orações.

“Cachoeira e São Félix”

(Composição: Tiziu de Araripe. Interpretação: Tiziu de Araripe)

*São duas cidades
Todas duas lindas
Tem uma ponte que separa mais bonita ainda
Parecem dois presépios que Deus criou
Cachoeira e São Félix meus dois amores [...]
Eu vou, Eu vou
Me banhar no Paraguaçu
Saudar Cosme no Cucuí
Fazer um forró em Capoeiruçu
Vou Rezar lá no Belém
Pedir a proteção divina
Pra Cachoeira e São Félix minhas queridas meninas*

O forró tão conhecido do cachoeirano, identificado como “*Forró em Cachoeira*”, composição de 1984, do cantor Agepê¹³, retrata os festejos juninos nas cidades do Recôncavo, mencionando Cachoeira, a qual realiza um dos maiores festejos juninos na Bahia. Em seguida, menciona Muritiba, cidade mais alta em relação a Cachoeira, situada sobre o planalto, logo após Cruz das Almas, cidade conhecida no Brasil pela sua tradicional e perigosa guerra de espadas¹⁴. Por fim, Maragogipe, cidade histórica com seus festejos juninos que ocorrem as imediações do rio Paraguaçu.

Forró em Cachoeira

(Composição: Agepê. Interpretação: Jair Rodrigues)

*Eu fui no forró em Cachoeira
É brincadeira o São João de lá
Dancei galope a noite inteira
Em Cachoeira até o sol raiar
Subi a serra fui parar em Muritiba
Só me lembrei da vida quando o dia clareou
Como é gostoso o São João aqui em riba
Mas é lá embaixo que está o meu amor
Em Cruz das Almas vi a guerra de espada
E a chuva não parava de molhar minha emoção
Em Maragogipe fui no forró do Cais*

¹³ Antônio Gilson Porfírio, mais conhecido como Agepê, foi um cantor e compositor brasileiro. Em sua voz tornaram-se consagradas inúmeras composições de sua autoria, como *Menina dos cabelos longos*, *Cheiro de primavera*, *Me leva*, *Moça criança*, dentre outras. Também gravou *Cama e Mesa*, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, com grande sucesso.

¹⁴ A guerra de espadas é uma tradição popular do Nordeste brasileiro. Se trata de uma manifestação pirotécnica de rua e que ocorre, principalmente, nos municípios de Cruz das Almas e Senhor do Bonfim, na Bahia. Em Cruz das Almas, a realização dessa manifestação está proibida, apesar da luta de espadeiros e espadeiras para retomarem a atividade como prática cultural. As guerras de espadas estão presentes em diversas cidades do Recôncavo, como é o caso de Cruz das Almas, já mencionada, Muritiba, Governador Mangabeira e Cachoeira.

*Meu Deus é bom demais esta festa de São João
Viva São João do carneirinho
Do carneirinho viva São João
Viva São João do Carneirinho
A sua festa faz feliz meu coração*

Alguns assuntos que podem ser abordados em sala de aula a partir do momento que os estudantes escutam essas músicas e fazem a leitura da letra são: Qual a importância do Rio Paraguaçu para as cidades de São Félix e Cachoeira e para as práticas religiosas e devocionais, notadamente dos povos de matriz afro-brasileira? Esse rio tem passado por degradações ambientais? Quais? Quais motivos fazem Cachoeira possuir uma grandiosa dimensão religiosa e festiva? O que são festas e como as festas são capazes de transformar o espaço geográfico, mesmo que de forma efêmera? Como as festas juninas de Cachoeira dinamizam a economia do Recôncavo e local? Quais agentes capitalistas estão presentes nos festejos populares de Cachoeira? Por que essas festas são registradas pelo IPAC? Houve mudanças nos festejos juninos? Quais? Por que as cidades do Recôncavo celebram São João com muita expressividade festiva?

Na letra da canção “*Cachoeira e São Félix*”, Tiziu do Araripe se refere a Cachoeira e São Félix como presépios. Isso por conta de as duas cidades estarem situadas numa depressão, delineada por de ruas aladeiradas e estreias. O rio Paraguaçu e a ponte imperial D. Pedro II conferem a todo esse recorte uma interessante paisagem cultural. Diante disso, os professores de Geografia não devem deixar de articular esse tão importante conceito geográfico da canção.

Cavalcanti (2013) aborda que, para trabalhar com o conceito de paisagem, requer-se um olhar crítico e atento aos processos que deram origem as estas paisagens, de modo que haja uma interação dialética entre os sujeitos e o objeto de estudo, permitindo ir além do olhar empírico descritivo, reconhecendo que, para além do visível, para além da imagem, existem construções culturais e representações sociais históricas deixadas por inúmeros processos. Estes que deram origem a uma determinada paisagem que possuem forma, fisionomia e características particulares e distintas. Assim como são com os presépios de Cachoeira e de São Félix.

É interessante, sobretudo, que o professor reflita com os estudantes sobre o que eles enxergam e sentem ao observarem os elementos estruturantes da paisagem local, assim como é importante que os levem a refletir sobre o que há por trás do que eles estão, com os seus sentidos, contemplando. Essa é uma das mais importantes atividades de reflexão e de observação da paisagem. Dessa forma, pode ser solicitado aos estudantes que façam desenhos, fotografem, registrem informações e transformem todos os registros numa exposição, ou num audiovisual, por exemplo, que

pode ser apresentado para toda a comunidade escolar, destacando as potencialidades da paisagem cultural da cidade em que vivem.

Muitas das discussões até aqui mencionadas estão voltadas à educação geográfica, entretanto é perceptível que tais discussões sejam também muito bem articuladas a propostas de outras disciplinas escolares, a exemplo de educação patrimonial e História. Dessa forma, concorda-se com Coelho Lopes (2008) ao destacar que a Geografia deve ser potencializada na dialética com outros saberes, a partir de um entendimento “que vise o saber prático colocando a Geografia escolar além da materialidade da escola abrangendo um conhecimento integrador” (COELHO LOPES, 2008, p. 98).

Portanto, chegando ao fim desta seção, concorda-se com Santos *et al.* (2022) ao destacar que conhecimento geográfico pode ser construído a partir de situações e temas contemplados em canções que são tocadas/ouvidas em qualquer ambiente. Assim, é necessário que para esse conhecimento ser produzido, é preciso que haja profissionais capacitados e planejados para tal. Somente assim terão êxito em aproximar músicas ouvidas a partir de diversos recortes espaciais e analisar em sala os diferentes conteúdos abordados de maneira dogmática.

Reflexões finais

É preciso destacar novamente que as cidades são educadoras, com suas formas, seus movimentos, seus sons, suas histórias, e constituem-se como importante temática para abordagem no ensino de Geografia a partir de diversos enfoques. Dentre eles, o enfoque histórico-patrimonial, voltado a discussões da cidade enquanto “fator cultural acumulado historicamente, seu significado, mudanças e permanências” (ALDEROQUI, 2006, p. 47) e o enfoque de cidadão protagonista, esse último como possibilidade de reconhecimento da cidade como lugar de participação comunitária. É necessário compreender a complexidade de conteúdos e conceitos que envolvem o tema cidade e saber estabelecer conexões a partir do vivido pelos sujeitos em suas práticas espaciais, como é o caso da cultura presente no contexto das cidades, do seu patrimônio, da sua paisagem e do seu povo.

A partir dessas entrevistas sobre as práticas docentes cotidianas, foi possível observar alguns pontos:

- Todos os colaboradores deste estudo são da cidade de Cachoeira. Isso foi um fato importante, visto que essas pessoas conhecem a cidade, vivem a/na cidade e, com isso, as contribuições sobre as dimensões culturais em sala de aula foram muito interessantes e dentro de suas realidades.
- A partir do estudo de campo, constatou-se que, em toda a rede municipal de Cachoeira, apenas um professor tem formação em Geografia, atuante no espaço rural do município. É um

dado alarmante, visto que Cachoeira está muito próxima de três cidades que ofertam o curso de licenciatura em Geografia em universidades e centros universitários, por exemplo, a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a Universidade do Estado da Bahia (Uneb/Campus V), na cidade de Santo Antônio de Jesus, e o Centro Universitário Maria Milza (Unimam), em Governador Mangabeira. Entretanto, quais motivos para que não haja contratações de professores de Geografia na rede municipal de Cachoeira, sendo que na região há professores com formação nessa área?

- Cachoeira possui o seu Documento Curricular Referencial Municipal em prática. Seu organizador curricular é baseado em habilidades e competências próprias que foram construídas coletivamente pelos professores da rede municipal em suas respectivas disciplinas, tendo a BNCC como norteadora para a sua construção. Ao observar as habilidades de Geografia no documento, é possível identificar que todas as habilidades se voltam para a correlação do conhecimento geográfico com o Recôncavo, com a Bahia e com Cachoeira.
- Nas entrevistas com os colaboradores, ficou evidente que sabem a história da cidade em que residem e que reconhecem a importância dos diálogos culturais com a Geografia, inclusive em correlação aos conceitos geográficos, importantes mediadores nas discussões sobre a cidade no ensino da Geografia, conforme evidenciado nos relatos.
- Ao abordar proposições metodológicas a partir do uso das diversas linguagens para o trabalho sobre a dimensão cultural da histórica cidade de Cachoeira no ensino de Geografia, é possível dizer que os colaboradores narraram experiências e práticas com temas voltados as dimensões do patrimônio cultural de Cachoeira a partir da utilização de músicas, audiovisuais e fotografias, alegando que, com o passar do tempo e com a imersão dos estudantes as realidades digitais, é preciso avançar também, não cabendo mais um ensino tradicional, sem sentido.

Vale dizer que nessa pesquisa é feita a utilização de músicas para o debate das questões culturais no espaço urbano na cidade de Cachoeira, entretanto essa não é a única possibilidade. A utilização de fotografias, charges, das obras literárias, da poesia, dos jogos e das tecnologias digitais da informação e comunicação são linguagens que poderiam/podem ser utilizadas em discussões que contemplem a cidade em suas mais variadas dimensões, por exemplo, a cultural, conforme abordado nesse trabalho.

Oportunizou-se nessa pesquisa o uso de músicas, enquanto artefato didáticos-pedagógicos que destacam em suas letras a cidade de Cachoeira, no intuito de auxiliar professores de Geografia a transformarem suas aulas em encontros mais prazerosos, criativos e dinâmicos. Para além da

perspectiva artística e da leitura prazerosa dos estudantes, o uso de músicas apresenta especificidades da realidade local/regional de forma ampla e diversa, destacando peculiaridades geográficas socioculturais, resistências, expressões identitárias, manifestações culturais, conflitos e resistências.

Importante destacar também que suas utilizações nas aulas de Geografia não devem ser feitas como “passatempo”. É preciso que haja, por parte do professor, um planejamento que seja articulado com a proposta das letras das canções e que essas práticas tenham sentido para os estudantes. Caso contrário, estarão contribuindo para um ensino de Geografia incoerente com a proposta em discussão nessa pesquisa.

Por fim, cabe destacar que, mesmo diante da invisibilidade e precariedade do tema patrimônio cultural nas aulas e nos livros de Geografia, conforme discutido por Alana Deon e Carina Copatti (2020), o professor de Geografia que atua numa cidade histórica, como é o caso de Cachoeira, não deve deixar que a paisagem local, os lugares, suas manifestações culturais e os modos de expressão e pensamento das juventudes/estudantes nessas cidades se passem despercebidos nessas aulas. Todas essas abordagens, além de serem de extrema importância para a aula de Geografia, possibilitam a formação do pensamento cidadão. Geografia é cidadania.

Referências

- CACHOEIRA, Secretaria Municipal de Educação. *Documento Referencial Curricular Municipal. Referencial Curricular Cachoeirano*. Ciências Humanas, volume III. 2020.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André (orgs). *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.
- _____, Helena Copetti. A cidade como conceito e como conteúdo. In: CALLAI, Helena Copetti.
- OLIVEIRA, Tarcísio Don de. COPATTI, Carina. (orgs) *A cidade para além da forma*. Coleção Cidade: Conhecer e interpretar para compreender o mundo da vida. Vol. 1. Curitiba: CRV, 2018.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.
- CASTRO, Janio Roque Barros de. A Geografia Cultural nos espaços educacionais: uma abordagem propositiva. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Org.). *Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia*. Curitiba: Ed. CRV, 2012.
- CAVALCANTI, L. S. Cidade e vida urbana: a dinâmica do/no espaço intra-urbano e formação para a participação em sua gestão. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, L. S. (Org.). *A cidade e seus lugares*. Goiânia: Vieira, 2007.
- _____, Lana de Souza. *A Geografia Escolar e a cidade: Ensaio sobre o Ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papirus, 2008.
- _____, Lana de Souza. *Prefácio*. In: PORTUGAL, Jussara Fraga/ CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Org.). *Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia*. Curitiba: Ed. CRV, 2012.
- CLAVEL, Maitê. Cidade e culturas. In: JEUDY, Henri Pierre; JACQUES, Paola Berenstein (orgs). *Corpos e cenários urbanos*. EDUFBA: Salvador, Bahia, 2006.

- COELHO LOPES, T. Reflexões sobre a interdisciplinaridade no ensino de Geografia. *Revista GeoUECE*, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 83–99, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/article/view/6864>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- COPATTI, Carina; DEON, Alana Rigo. (In)visibilidade da temática patrimônio no livro didático de Geografia: aportes para compreender e viver a cidade. In: TOSO, Cláudia Eliane Ilgenfritz; CALLAI, Helena Copetti; OLIVEIRA, Tarcisio Deon de (Org) *A cidade e as múltiplas interações com o patrimônio, identidade e pertencimento*. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 89-102.
- DOHME, V. *Atividades Lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HOSTENSKY, Ilka Lima. Educação Patrimonial e Diversidade. In: JANUZZI, Vinicius Prado; DANTAS, Ana Carolina Lessa; SILVA, Fábio; FREITAS, Vanessa Nascimento SUESS, Rodrigo Capelle; SOUSA, Inara Bezerra Ferreira de Sousa (orgs). *Educação patrimonial, diversidade e meio ambiente no Distrito Federal*. Brasília, IPHAN, 2022.
- LEITE, Maria Aparecida. BOVO, Marcos Clair. 2014. *O estudo da cidade: diferentes linguagens no Ensino da Geografia*. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unes_par-campomourao_geo_artigo_maria_aparecida_leite.pdf. Acesso em: dezembro, 2022.
- LIMA, Jamille da Silva. Dardel Levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar. *Geograficidade*, v.8, n. 2. 2018. p. 149 – 160.
- MATOS, Adenilson Santos. *Música como dispositivo didático-pedagógico nas aulas de Geografia: experiências vivenciadas no PIBID da UNEB no Território do Sisal*. 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia- ENPEG, Campinas, SP. 29 de junho a 4 de julho de 2019. p. 2229-2239.
- MEIRELES, Mariana Martins de; PORTUGAL, Jussara Fraga. Entre textos, imagens e canções a “cidade da Bahia”. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (orgs). *Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia*. Editora CRV: Curitiba – Brasil, 2012.
- MUMFORD, L. *La Cultura de las Ciudades*. Buenos Aires: Emecé, 1938.
- NAPOLITANO, Marcos. *História e Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- OHTAKE, Ricardo. A cultura na cidade. In: *Urbanismo, sociedade e cultura*. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.3191009>. Acesso em: junho, 2021.
- ONGARO, Carina de Faveri. *A importância da música na aprendizagem*. UNIMEO/CETESOP: 2006. Disponível em: <http://www.alexandracaracol.com/ficheiros/music.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- PINHEIRO, E. A. *O Nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga*. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v.14, n. 23, 2º sem/2004.
- RELPH, Edward. (1976): *Place and Placelessness*. London: Pion, 156 p.
- SANTOS, Adelvan Ferreira; Silva, Aisllan Damacena Souza da; SILVA, Manuela Evangelista da; MOTA, Cleidson da. Cantando as Geografias da cidade nas músicas de Maria Bethânia, In: PORTUGAL, Jussara Fraga; VEIGA, Léia Aparecida; TORRES, Eliza Cristina. *Didática da Geografia: linguagens e abordagens*. Editora C&A Alfa Comunicação: Goiânia/GO, 2022.
- SILVA, Aisllan Damacena Souza da. Questões culturais no Ensino de Geografia a partir da música e do cinema: um estudo reflexivo e propositivo. *Textura*, Governador Mangabeira-BA, v. 11, n. 20, p. 100-108, jan - jun, 2018. 10.22479/244799342018v11n20p101-109.
- SOUZA, Hanilton Ribeiro de; QUEIROZ, Patrícia Pires. O cotidiano na Geografia, a Geografia no cotidiano: as múltiplas linguagens no ensino aprendizagem. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Org.). *Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia*. Curitiba: Ed. CRV, 2012.
- _____, Hanilton Ribeiro de; CONCEIÇÃO, Erick Gomes. Melodias urbanas: cantando e decifrando a cidade nas aulas de Geografia. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (Org.). *Educação geográfica: diversas linguagens*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 119-140.